

CIÊNCIA E PÓS-REPRESENTAÇÃO: NOTAS SOBRE HEIDEGGER

Paulo Cesar Duque-Estrada

Como alguém pertencente à área da filosofia, julgo muito oportuno contribuir para este volume, dedicado a questões sobre ciência e ética, com uma apresentação dos pressupostos filosóficos que norteiam o pensamento de Heidegger sobre o advento da moderna ciência. Entendo que a atualidade de Heidegger incide, justamente, sobre os dois elementos que constituem o nosso tema: ciência e ética. É verdade que Heidegger nunca tratou de questões pontuais, internas ao fazer científico. É também verdade que ele nunca se ocupou com qualquer projeto de construção de uma ética que viesse recolocar o ideal da boa deliberação à luz dos novos e inusitados desafios resultantes da irresistível expansão técnica da ciência, em sua interferência sobre tudo. Ainda assim, a força de problematização do seu pensamento¹ já é, por si, razão suficiente para que Heidegger compareça como uma das principais referências a que, hoje, podemos recorrer, quando assumimos a tarefa de pensar no entrecruzamento entre ciência e ética. É o que pretendo mostrar a seguir, através do fio condutor de sua crítica da representação.

Representação e história da metafísica

Sabe-se que, para Heidegger, a história da metafísica se constitui, essencialmente, como a história do esquecimento do ser. Em seus primórdios, entre os gregos, o ser fora compreendido como presença (*Anwesenheit*), compreensão esta que se encontrava pressuposta na noção de verdade como desvelamento (*a-létheia*). Isto pode ser apreendido de uma forma muito simples: se a verdade é entendida como desvelamento, é necessário que se pressuponha algo presente, o desvelado, que, enquanto tal, em sua presença, mostra-se no desvelamento. Esta presença, os gregos a conceberam como *to hypokeimenon*, ou seja, como “o elemento nuclear da coisa ... que subjaz e já existe sempre”. Aqui não se trata, segundo Heidegger, de uma simples designação arbitrária. Ao contrário, através do termo *hypokeimenon* fala “a experiência grega fundamental

¹ A expressão deste meu reconhecimento pretende situar-se em algum outro lugar que não seja nem o da devoção, nem o da aversão a Heidegger.

do ser dos entes no sentido da presença” (...*die griechische Grunderfahrung des Seins des Seienden im Sinne der Anwesenheit*) (Heidegger, 1992, p. 16); sendo a sua primeira expressão conceitual encontrada na “idéia” platônica. Ainda de acordo com Heidegger, com a recepção romano-latina das palavras gregas, *hypokeimenon* tornou-se primeiramente *subjectum*, “aquilo sobre o qual a proposição diz alguma coisa”, para tornar-se em seguida, na idade moderna, a auto-consciência do sujeito:

Até Descartes, diz Heidegger, o que quer que se encontrasse por si mesmo à mão era [concebido como] ‘sujeito’; mas agora o “Eu” se torna um sujeito especial, [ou seja, ele passa a ser compreendido como] aquilo em relação ao qual todas as outras coisas recebem a sua determinação enquanto tal (Heidegger 1977a, p. 280).

É neste sentido, aliás, que Heidegger cria o termo “subjetividade” (*Subjektivität*), para “sublinhar o fato de que a determinação do ser se dá em termos do ‘subjectum’, mas não necessariamente por um ego”. A *subjetividade*, diz Heidegger, “nomeia a história unificada do ser, [desde o seu início, com o] caráter essencial do ser como idéia, até [a realização] da essência moderna do ser como vontade de poder (Heidegger, 1977b, p. 68 e ss, n. 5).

Mas é a partir da idade moderna que *hypokeimenon* passará a ser compreendido como a auto-certeza do próprio cogito (“*ego cogito ergo sum*”), ou seja, como o sujeito que põe diante de si todas as coisas que encontra, reduzindo-as todas, deste modo, à condição de objeto de sua representação (*Vorstellung*). É com Descartes, portanto, que o pensamento passará a ser representação. Heidegger:

O pensamento [a partir deste momento, a partir de Descartes] é representação, pôr diante, é uma relação representacional com o que é representado. Representar significa aqui (*Vorstellen meint hier*): a partir de si mesmo pôr algo diante de si mesmo (*von sich her etwas vor sich stellen*), assegurando (*sicherstellen*) o que, assim, foi posto (*das Gestellte*). Um tal assegurar tem que ser um calcular (*muss ein Berechnen sein*), pois somente a calculabilidade (*Berechenbarkeit*) garante a certeza, de antemão e de um modo constante (*im voraus und ständig*), a respeito daquilo a ser representado (Heidegger, 1977c, p. 108).

Configura-se, pois, com esta lógica, a ordem da representação; sua certeza, a certeza da representação, se instaura como verdade. A partir de então, com a metafísica de Descartes, o que quer que aceda ao ser, isto é, o que quer que possa ser de algum modo, é definido, e definido “pela primeira vez”, diz Heidegger, “como a objetividade do representar (*Gegenständlichkeit des Vorstellens*)”; do mesmo modo que a verdade é também pela primeira vez definida “como a certeza do representar (*Gewissheit des Vorstellens*)” (Heidegger, 1977c, p. 87 e 127). A época

moderna que então se inicia é também, e conseqüentemente, a época das concepções de mundo ou, literalmente, das imagens do mundo (*Weltbild*):

Onde quer que advenha uma imagem de mundo (*Weltbild*), tem lugar uma decisão essencial (*eine wesentliche Entscheidung*) a respeito do ente em sua totalidade [ou seja, a respeito de tudo o que *é* de um modo ou de outro]. O ser dos entes é procurado e encontrado no ser representado dos entes (*in der Vorgestelltheit des Seienden*) (Heidegger, 1977c, p. 89-90, 130).

Isto não quer dizer que, antes da idade moderna, não havia em absoluto representação. Afinal, como Heidegger enfatizou, a metafísica sempre pensa *algo*, ela é sempre pensamento de alguma coisa; podemos dizer que ela sempre e já *entificou* o ser de alguma forma, ou seja, sempre pensou o ser como se este fosse um ente². No entanto, Heidegger também assinalou insistentemente que, ao contrário da interpretação moderna, a interpretação grega do ente se funda numa experiência mais originária de seu desvelamento. A este respeito, a propósito de uma sentença de Parmênides que, segundo Heidegger, consiste em “um dos mais antigos pronunciamentos do pensamento grego sobre o ser do ente”, e que diz: “pensamento e ser são o mesmo”, Heidegger vê nesta afirmação – que pensamento e ser são o mesmo – a expressão de uma experiência mais originária de desvelamento do ente, comparada com a experiência moderna do mesmo. Em tal experiência, diz Heidegger,

O ente é o que se ergue (*das Aufgehende*) e o que se abre (*Sichöffnende*), e, como aquilo que [assim] se presentifica (*das Anwesende*), [ele] vem ao encontro do ser humano (*den Menschen*) como aquele que [por sua vez, também] se presentifica (*den Anwesenden*); ou seja, [o ente] vem ao encontro daquele [o ser humano] que em si mesmo se abre ao que se presentifica na medida em que o apreende (*indem er es vernimmt*) (Heidegger, 1977c, p. 190, 131,132).

Assim, estando sempre e já *aí*, na abertura do ente, o ser humano ali permanece³. Nesta abertura, e através dela, ele é reunido consigo mesmo e assim, consigo mesmo, é trazido à presença, em conjunto com o ente em sua totalidade. Neste sentido, diz Heidegger:

² Precisamente neste sentido, a metafísica é marcada por um esquecimento do ser e uma adesão ao ente. Assim, como veremos, a radical objetivação de tudo, que caracteriza a época da ciência, já estaria prenunciada na origem grega da metafísica ocidental.

³ Tal permanência sendo inerente ao seu modo de ser.

...a fim de realizar a sua essência, o homem grego deve reunir (*legen*) e proteger (*sozēin*), apreender [*auffangen*] e preservar [*behalten*]⁴ o que se abre em sua abertura [*das Sichöffnende in seiner Offenheit*], e permanecer [nesta abertura] exposto (*alethein*) a toda sua fragmentária confusão⁵ [*und aller sich aufspaltenden Wirrnis ausgesetzt bleiben*].

Heidegger resume tudo isto em um só dizer:

...o homem grego é como aquele que apreende (*der Vernehmer*)⁶ o que é [ou seja, como aquele que apreende os entes – *der Vernehmer des Seienden*], e esta é a razão pela qual, na época dos gregos, o mundo não pode se tornar uma imagem [uma concepção, *picture, Bild*] (Heidegger, 1977c, p. 191,131).

Desta forma, se, neste âmbito de desvelamento, o ser humano pôde se perceber como medida (*metron*) de todas as coisas, tal como no dizer de Protágoras⁷, ou se Platão pensou o ser do ente como o que é contemplado, ou seja, como “idéia”, ou se ainda, em Aristóteles, a relação com o ente é pensada como “*theoria*”, pura contemplação; em todos estes casos, sem dúvida, o ente encontra-se relacionado ao ser humano, a um alguém, como um *egô*. Mas, como enfatiza Heidegger, isto acontece somente na medida em que “o *egô* (*egv*) permanece no âmbito de um desvelamento que lhe é dado sempre como este desvelamento particular [*als je diesem zugeteilten Unverborgenen*]”. É só assim, estando já inserido num certo âmbito de desvelamento, que

...o ser humano apreende [*vernimmt*] todas as coisas que se encontram presentes neste âmbito de desvelamento como coisas que são [*als seiend*] [ou seja, como coisas que *são* de um modo ou de outro; como entes]. A apreensão do que se presentifica funda-se [não no *egô* em si mesmo, mas no seu *permanecer*] no interior do âmbito de desvelamento (Heidegger, 1977c, p. 145, 104).

Neste horizonte da experiência grega do ente, portanto, há que se pensar em um pertencimento (*Zugehörigkeit*) do “Eu” a tudo o que, juntamente com ele,

⁴ De acordo com o tradutor de *Die Zeit des Weltbildes* para o inglês, William Lovitt, “o verbo (*behalten*) fala de um preservar que libera o preservado, permitindo que ele se manifeste”. Segundo o Cassell’s German Dictionary, o verbo se aplica também no sentido de preservar uma tradição ou as aparências.

⁵ “*sundering confusion*”, na tradução de Lovitt.

⁶ Lovitt observa, em uma nota na sua tradução do texto de Heidegger, que “o substantivo *Vernehmer* se relaciona ao verbo *vernehmen* (ouvir, perceber, compreender). *Vernehmen* diz respeito a uma recepção imediata, em contraste com o pôr-diante (*vor-stellen*) que aprisiona (*arrests*) e objetiviza”.

⁷ “O homem é a medida de todas as coisas, daquelas que são, que elas são, daquelas que não são, que elas não são”.

vem à presença no interior de um âmbito particular de desvelamento. Em outros termos, no contexto da experiência grega do ente, o ser humano só pode se perceber como medida das coisas enquanto ele já tiver aceitado a sua limitação (*Mässigung*) ao âmbito de desvelamento em que ele mesmo se encontra, e que ele deve preservar.

É neste sentido que ainda não se pode falar apropriadamente em representação, como traço determinante da experiência grega do ente. Aliás, além da Antigüidade grega, também a época medieval, segundo Heidegger, vai se assentar igualmente numa experiência *não-representacional* do ente. A época medieval se relaciona com o ente, com “o-que-é”, enquanto *ens creatum*. Ser alguma coisa, ser um ente, significa pertencer à ordem criada por Deus; o que quer dizer que a essência do ente aqui não é aquela – ou não é ainda aquela – de um objeto que, enquanto tal, no dizer de Heidegger, “...é trazido diante do ser humano como o objetivo [*als das Gegenständliche*], posto no âmbito do conhecimento e do que é disponível ao sujeito humano, e só assim (*und so allein*) [só nestas condições] é algo-que-é [é um ente (*seiend ist*)]” (Heidegger 1977c, p. 90, 130).

E, no entanto, de acordo com Heidegger, embora o desvelamento – tanto no contexto grego quanto medieval – aconteça na concomitância com a apreensão (*vernehmen*) do ente; que esta última, a apreensão do ente, que só se dá em função de um âmbito determinado de desvelamento, que ela, a apreensão do ente, venha a dar lugar à representação (*vorstellen*) do ente, ou, em outras palavras, que “o-que-é”, ou seja, o ente, deva se tornar “o-que-é” na representação, em seu ser-representado (*in der Vorgestelltheit*) – o que ocorre com o início da época moderna –, este evento, ou advento, da representação, segundo Heidegger, já estaria antecipado na concepção platônica do ser como “idéia”. Heidegger:

...que o ser do ente [ou entidade do ente; *die Seiendheit des Seienden*] é determinado por Platão como *eidos* (aspecto [*Aussehen*], vista [*Anblick*]) [tal] é a pressuposição destinada muito anteriormente, e há muito tempo dominante de um modo mediado⁸ e oculto (*lang in Verborgenen mittelbar waltende Voraussetzung*), para que o mundo devesse se tornar imagem (*dass die Welt zum Bild werden muss*) (Heidegger, 1977c, p. 91, 131).

O traço fundamental na mudança do modo de desvelamento – mudança esta que, em todo caso, já se encontrava destinada de antemão, desde o início da metafísica – vai se encontrar, então, na passagem da *apreensão* do ente para a sua *representação*. Diz Heidegger:

⁸ “*indirectly*”, na tradução de Lovitt.

Algo inteiramente outro, em contraste com o apreender grego [*griechischen Vernehmen*], é o que significa o moderno representar [*das neuzeitliche Vorstellen*], cujo sentido é trazido primeiramente à expressão na palavra *repraesentatio*. Representar [*Vorstellen*] significa aqui: trazer para diante de si o ente-simplesmente-dado⁹ (*das Vorhandene*) como algo que vem ao encontro, relacioná-lo a si, àquele que o representa, e forçá-lo de volta [*zurückzwingen*] a esta referência a si como âmbito normativo [*massgebenden Bereich*] (Heidegger, 1977c).

Prosseguindo na sua argumentação, Heidegger vai dizer que no desenrolar deste processo ou destino, como ele diz, da metafísica, a totalidade das coisas que, com a idade moderna, sofrera uma redução à condição de objeto – objeto da representação –, sofre, em seguida, uma outra transformação. Uma transformação ainda mais drástica, que ocorre com o culminar da metafísica na irresistível e auto-suficiente afirmação da tecnociência. A partir de então, as coisas perdem o seu caráter de objeto para se transformarem em estoque ou fundo de reserva (*Bestand*).

Deve-se levar em conta, aqui, três aspectos inseparáveis que configuram esta nova situação: 1) a dissolução do objeto [“O que quer que permaneça como estoque, já não mais se nos depara como objeto”]; dissolução esta que se dá como contrapartida 2) de uma radicalização da condição própria ao objeto de estar à disposição, entregue e disponível ao pensamento calculador. Heidegger fornece vários exemplos para ilustrar esta nova ordem marcada pela dissolução do objeto decorrente da própria maximização de sua disponibilidade. Exemplos que, aliás, já começam a se mostrar um tanto bucólicos, mesmo levando-se em conta suas referências à energia atômica, se compararmos com outros exemplos que hoje ele poderia nos dar, mas que, em todo caso, nós mesmos já presenciamos por toda parte, à luz da engenharia genética, da internet e de outras formas de informação em tempo real, das armas biológicas etc. Mas tomemos um exemplo bastante conhecido de Heidegger:

A usina hidroelétrica posta no Reno dis-põe o rio a fornecer pressão hidráulica, que dispõe as turbinas a girar, cujo giro impulsiona um conjunto de máquinas, cujos mecanismos produzem corrente elétrica. As centrais de transmissão e sua rede se dispõem a fornecer corrente. Nesta sucessão integrada de disposições de energia elétrica, o próprio rio Reno aparece, como um dispositivo. A usina hidroelétrica não está instalada no Reno, como a velha ponte de madeira que, durante séculos, ligava uma margem à outra. A situação se inverteu. Agora é o rio que está instalado na usina. O rio que hoje o Reno é, a saber, fornecedor de pressão hidráulica, o Reno o é pela essência da usina. (...) E, não obstante, há de se objetar: o Reno continua, de fato, sendo o rio da paisagem. Pode ser. Mas de que maneira? – À maneira de um objeto disposto à visita turística por uma agência de viagens, por sua vez, disposta por uma indústria de férias (Heidegger, 2002a, p. 20).

⁹ “*present at hand*”.

Há ainda 3) um terceiro aspecto a se levar em conta nesta nova configuração. Com o desaparecimento do objeto, o seu correlato, ou seja, o sujeito – que põe diante de si o objeto como o representado de sua representação – desaparece também. O sujeito se transforma igualmente em estoque; também ele se encontra na condição de estar disponível à manipulação e reordenação calculadoras de tudo.

Todo este processo contínuo de uma ordenação de todas as coisas que, assim, já se disponibilizam como estoque para uma outra ordenação que, por sua vez, se encontra já disponível como estoque para uma outra ordenação de tudo e assim sucessivamente, constitui a ordem do *Gestell* (*enframing, arraisonnement, arazoamento*¹⁰); ordem esta que já não se dá nem em função da autonomia de um sujeito da representação, e nem, correlativamente, por meio da redução de todas as coisas à condição de objeto. Ambos, sujeito e objeto, são reduzidos agora à condição de estoque ou fundo de reserva sempre e já disponível ao cálculo de estratégias e práticas sucessivas e sempre renovadas de apropriação, manipulação e ordenação de tudo.

Estes três aspectos, contudo, [quais sejam 1) a dissolução do objeto, conseqüente 2) da maximização de sua disponibilidade e, correlativamente, 3) a dissolução do sujeito] não deixam de apontar para algo positivo nesta ordem da ciência. De fato, apesar de perceber um enorme perigo veiculado na época da ciência, o perigo de que “o pensamento calculador possa um dia vir a ser aceito e praticado como a única forma de pensar” (Heidegger, 1966. p. 56); apesar deste perigo, Heidegger entende também que a ciência, ou, mais especificamente, o seu recente desdobramento como tecnociência, traz nela mesma algo extremamente relevante para o pensamento:

¹⁰ Tradução proposta por Ernildo Stein, na mesma linha da tradução francesa que converte o termo alemão para ‘*arraisonnement*’, e com base também no sentido do termo ‘arazoamento’ na língua portuguesa que Stein transcreve do *Dicionário da Língua Portuguesa* da ABL de Antenor Nascentes: “ato ou efeito de arazoar: expor, apresentando razões pró ou contra; raciocinar, discorrer, conversar; discutir, alterar com outrem, disputando, argumentar”. Transcrevo, a seguir, parte da nota de Stein que aparece em sua tradução do texto de Heidegger “Identidade e Diferença”: “Heidegger utiliza a palavra *Gestell* (que em alemão significa armação, estante etc), proveniente do verbo *stellen*, que tem o sentido de pôr, apontar o lugar, fixar, regular, provocar, exigir contas, contestar etc., para definir aquele âmbito que se cria pelo confronto entre homem e técnica (homem e natureza a ser transformada pela técnica), na medida em que ambos se provocam, exigem contas um do outro, chamam-se à razão reciprocamente. (...) a palavra arazoamento exprime também o império da razão que tudo invade pela técnica, que caracteriza uma época em que o homem busca as razões, os fundamentos de tudo, calculando a natureza, e em que a natureza provoca a razão do homem a explorá-la como um fundo de reserva sobre o qual dispõe”.

...o que foi pensado e poetizado na aurora da antiguidade grega atua ainda hoje, e atua de um tal modo que sua essência, ainda oculta para ela mesma [para a antiguidade grega], vem por toda parte ao nosso encontro, e nos alcança ali onde menos esperamos, a saber, no domínio da técnica moderna (*in der Herrschaft der modernen Technik*), que é completamente estranha à antiguidade mas que, não obstante, tem nesta última a origem [ou a proveniência] de sua essência (*Wesensherkunft*) (Heidegger, 1954, p. 47-48; 2002c, p. 41).

A positividade de que se trata aqui, o que é novo e relevante para a nossa atual experiência de pensamento, está no fato de que agora, com a dissolução de sujeito e objeto, é a própria relação sujeito-objeto (*die Subjekt-Objekt-Beziehung*), como relação pura e simples, que passa a ter um primado sobre ambos – sujeito e objeto –, disponibilizando-os como fundo de reserva. A positividade disto está no fato deste campo relacional que, então, se abre, constituir o âmbito mesmo em que se dá todo vir-à-presença. Como este âmbito já se dá para além da dicotomia sujeito/objeto, ele pode abrigar uma nova experiência de pensamento, uma nova forma de se relacionar com as coisas em geral, não mais segundo a lógica da representação. Deste modo, o que está aqui em questão diz respeito à possibilidade de, novamente, sermos capazes de pensar – para além da soberania de um racionalismo objetivador e apropriante –, a nossa condição originária de estar, sempre e já, relacionado ao ente, à luz de seu modo próprio de vir-à-presença; condição esta que, no dizer de Heidegger, constitui “o que é digno de ser questionado (*das Fragenwürdige*)”.

Sobre esta condição, que constitui “o que é digno de ser questionado”, Heidegger diz o seguinte:

Ao contrário de tudo o que é meramente questionável, e de tudo o que é ‘sem questão’, o que é digno de ser questionado nos proporciona, a partir de si mesmo, a oportunidade clara e o apoio livre através do qual somos capazes de ir ao encontro e convocar o apelo que fala e diz respeito à nossa essência. Encaminhar na direção do que é digno de ser questionado não é aventura, mas retorno ao lar.

E, em seguida:

Seguir uma direção que é o rumo que uma coisa já tomou por si mesma, chama-se, em nossa língua, *sinnan, sinnen* [pensar o sentido, refletir, ‘to sense’]. Entregar-se ao sentido é a essência do pensamento que pensa o sentido [*das Wesen der Besinnung*]. Isto significa mais do que o mero fazer-se consciente de algo. Ainda não pensamos o sentido quando somos apenas consciência [ou seja, poderíamos acrescentar, como uma nota nas entrelinhas do texto de Heidegger, quando estamos na esfera da representação].

Pensar o sentido é mais do que isto [*Besinnung ist mehr*]. É a serenidade [*Gelassenheit*]¹¹ em direção ao que é digno de ser questionado [*zum Fragwürdigen*] (Heidegger, 1954, p. 68, 58; 2002c, p. 179-180).

E o que é digno de ser questionado se traduz, portanto, nesta relação que tomou precedência, ou, poderíamos dizer, embora Heidegger não use este termo, que se emancipou tanto do sujeito quanto do objeto para se afirmar como fundo de reserva. Mais especificamente, a positividade disto está no fato desta relação poder se mostrar, pela primeira vez, como *apelo do ser e resposta ao ser*. Notemos, de passagem, que há aqui uma espécie de redução – redução ao essencial; ao que é “digno de ser questionado” – que não é posta simplesmente pelo pensamento. Não se trata aqui de uma construção intelectual. Esta redução ao essencial, se podemos falar assim, se dá como uma ocorrência; ela ocorre no nosso tempo e, mais precisamente, com a ordem da tecnociência. Ela não é posição imanente ao pensamento – não é algo que diga respeito à ordem da representação – ela é solicitação ao pensamento. A experiência do pensar aqui não se faz, portanto, sem experiência de alteridade, de abalo e estranhamento.

Mas como pensar apropriadamente esta relação entre solicitação do ser e resposta à solicitação do ser? Esta relação tem uma história; ela se envia, desde a antiguidade grega até a moderna tecnociência, como a história unificada – no sentido de essencial, ou de história da essencialização – do Ocidente. Para pensar

¹¹ Com o termo “serenidade”, tenta-se reproduzir a associação que, com o termo *Gelassenheit*, Heidegger propõe entre uma passividade e, correlativamente, uma liberação, um deixar-ser, que se dá para além de toda investida representativa, objetivante, dominadora, calculadora etc. O pensamento do sentido (*Besinnung*) comporta este duplo aspecto, passivo e liberador. É nesta perspectiva que os tradutores do texto *Gelassenheit* para o inglês propõem a palavra “*releasement*”. Sobre o termo alemão usado por Heidegger, encontramos a seguinte nota na referida tradução para o inglês: “*Gelassenheit*, embora usada atualmente na língua alemã, no sentido de domínio de si (*composure*), calma (*calmness*) e despreocupação (*unconcern*), possui também significados mais antigos, usados por místicos alemães (como Mestre Eckhart), no sentido de deixar o mundo seguir o seu curso (*letting the world go*) e entregar-se a Deus.” *Discourse on Thinking. A Translation of Gelassenheit. (Op. Cit.)*, p. 54. Mas é importante sublinhar também que tal estado ou condição de passividade ou calma em que as coisas são liberadas para serem o que são, tal estado ou condição significa também, e por isso mesmo, um deixar ser o que *se é*, ou seja, um voltar-se liberador do homem para o seu ser próprio. O que se trata aqui, quando se fala em pensamento do sentido (*Besinnung*; *meditative thinking* na tradução inglesa; “reflexão” na tradução portuguesa), é, como diz Heidegger, “a salvaguarda da natureza essencial do homem.” Ou seja, o que vem a dar no mesmo, ainda segundo Heidegger, “a questão [de que se trata aqui] é a de se manter vivo o pensamento do sentido (*meditative thinking*).” *Discourse on Thinking*, p. 56.

esta história ou, melhor, usando os termos de Heidegger, “para experimentar a presença desta história (*diese Gegenwart der Geschichte*), precisamos nos desvencilhar da representação historiográfica da história (*Das historische Vorstellen der Geschichte*) que ainda domina” (Heidegger, 1954, p. 48, 41; 2002c, p. 158). E isto porque, na historiografia, a história comparece como objeto. A historiografia faz parte, portanto, da história dos envios do ser; ela diz respeito a uma época desta história, à época da representação. A história que está em questão aqui não diz respeito simplesmente ao objeto de um texto historiográfico (*der Gegenstand der Historie*), nem meramente ao processo da atividade humana (*der Vollzug menschlichen Tuns*). A história que Heidegger tem aqui em vista, como ele diz em *A questão da técnica*, é o destino (*Geschick*), o “envio (*Schicken*) que reúne (*versammelnde*)” [ou seja, o envio do ser que reúne na conformação de épocas, formando uma história unificada dos envios], e que determina a essência de toda história (Heidegger, 2002a, p. 27). Mais adiante, neste mesmo texto, Heidegger explicita que o sentido que ele pensa aqui para “envio” é o mesmo que, na linguagem ordinária, se usa para “enviar” enquanto “pôr num caminho” (*Auf einen Weg bringen*); e que o caminho em questão é o caminho do desvelamento (*Weg des Entbergens*).

Para além da representação

É preciso, portanto, pensar esta história, a presença desta história, na condição atual em que nos encontramos, fora da representação. Esta seria uma tarefa urgente e anterior a qualquer construção ou reconstrução de uma ética. Uma ética, digna deste nome, só seria possível após a consolidação de um pensamento não representacional. Caso contrário – e esta é uma provocação, que não me parece facilmente contornável, do pensamento heideggeriano – não estaríamos apenas prolongando, para o campo da ação, os mesmos ditames da objetivação, do ideal de certeza, do cálculo, enfim, da representação? Não será antes necessário que saibamos onde nos encontramos, e, assim, resgatar alguma orientação no pensamento?

Em *Identidade e Diferença* (Heidegger, 1991) Heidegger fala de um salto para fora da representação. Para onde salta o salto, pergunta ele? E responde: “Para lá onde já fomos admitidos: [para] o pertencer ao ser”. Em outras palavras, para esta condição originária de ser solicitado e de responder à solicitação do ser; ou, como Heidegger diz, para o comum-pertencer (*das Zusammengehören*) de homem e ser. Heidegger deixa bem claro – o que, novamente, não me parece sem conseqüências, para as discussões atuais em torno da ética – que, para pensarmos apropriadamente este comum-pertencer de homem e ser, deve-se evitar, de pronto, a ênfase sobre a primeira parte da expressão “comum-pertencer”; portanto, sobre a comunidade deste *comum*-pertencer. Aqui a representação retorna e se antecipa implacavelmente; e o sentido do pertencimento

de homem e ser é pensado a partir de uma *unidade entre ambos*. Neste caso, diz Heidegger, “*pertencer significa integrado, inserido na ordem de uma comunidade (...), reunido para a unidade do sistema, mediado pelo centro unificador de uma adequada síntese*” (Heidegger, 1991, p. 141). É que a transferência do individual para o comunitário em nada abala a estrutura mesma da representação. A presença a si do sujeito da representação apenas se deslocou para um plano coletivo.

Neste mesmo sentido, no Apêndice 9 de *A época das imagens do mundo*, lemos a seguinte passagem:

O homem como ser racional da época do Iluminismo não é menos um sujeito do que o homem que se auto percebe como nação, que deseja a si mesmo como povo, que se autopromove como raça e, finalmente, que se autoriza como senhor da terra (Heidegger, 1977, p. 152).

É deste modo que a ênfase precisa recair sobre o segundo termo da expressão “*comum-pertencer*” de homem e ser. Com tal ênfase, diz Heidegger, pode-se “*experimentar esta comunidade [de homem e ser] a partir do pertencer*”. *Isto se torna possível pelo salto do pensamento para fora da representação*. Com este salto, saltamos para onde sempre estivemos, ou seja, para o pertencimento de homem e ser. Trata-se, em outras palavras, mas que são também palavras de Heidegger, de *uma entrada não mediada no pertencer*; pertencer este

...cuja missão é dispensar uma reciprocidade de homem e ser e instaurar a constelação de ambos. O salto [continua Heidegger] é a súbita penetração [ou seja, o ingresso imediato, não representacional, diríamos, por acréscimo ao texto de Heidegger] no âmbito a partir do qual homem e ser desde sempre atingiram juntos a sua essência, porque ambos foram reciprocamente entregues como propriedade a partir de um gesto que dá (Heidegger, 1977, p. 143).

A experiência do pensamento se dá no penetrar (imediato, não representacional) deste âmbito; neste “*ai*” onde nos encontramos e que ainda não nos demos conta, ou não nos demoramos o bastante, nem na época em que Heidegger escreveu este texto, na década de cinqüenta, mas, certamente ele o diria, muito menos hoje. Onde, afinal, nos encontramos? “*Em que constelação de homem e ser*” nos encontramos hoje? Nos encontramos, ao mesmo tempo, no perigo extremo da tecnociência, em que domina a radical disponibilização/pulverização de tudo; mas também no insinuar de um possível caminho, para além da representação, em direção ao que salva.

Referências

- HEIDEGGER, Martin. (1992). *A Origem da Obra de Arte*. Trad. Maria da Conceição Costa. Lisboa. Edições 70. 1992. p. 16. *Der Ursprung des Kunstwerkes*. In: Holzwege. Frankfurt am Main. Vittorio Klostermann. 1977.
- HEIDEGGER, Martin. (1977a). Modern Science, Metaphysics and Mathematics. In: Krell, D.F. (ed.): Martin Heidegger. *Basic Writings*. New York. Harper & Row.
- HEIDEGGER, Martin. (1977b). The word of Nietzsche: God is dead., In: Lovitt, W. (ed.): *The Question Concerning Technology and Other Essays*. New York. Harper & Row.
- HEIDEGGER, Martin. (1977c). The Age of the World Picture. In: Lovitt, W. (ed.): *The Question Concerning Technology and Other Essays*. New York. Harper & Row. Tradução de, Die Zeit des Weltbildes., In: *Holzwege*.
- HEIDEGGER, Martin. (2002a). A questão da técnica, In: *Ensaio e Conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis. Ed. Vozes.
- HEIDEGGER, Martin. (1966). *Discourse on Thinking*: a translation of *Gelassenheit*. Tr. John M. Anderson and E. Hans Freund. New York. Harper & Row.
- HEIDEGGER, Martin. (2002b). *Serenidade*. Trad. Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa. Instituto Piaget. s/d.
- HEIDEGGER, Martin. (1954). Wissenschaft und Besinnung, In: *Vorträge und Aufsätze*. Tübingen. Günter Neske Pfullingen. 1954.
- HEIDEGGER, Martin. (2002c). Ciência e pensamento do sentido, In: *Ensaio e Conferências*.
- HEIDEGGER, Martin. (1991). Identidade e Diferença, in *Os Pensadores*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo. Nova Cultural.

RESUMO

Ciência e pós-representação: notas sobre Heidegger

O presente texto pretende situar as razões do argumento filosófico de Heidegger segundo o qual a possibilidade de uma ética hoje depende da ultrapassagem, que possa vir a ocorrer, do pensamento representativo. Isto implica uma reflexão sobre as bases metafísicas não apenas da ciência moderna, na qual se consolida o domínio da representação, mas também de seu desdobramento mais recente naquilo que se costumou chamar de tecnociência.

Palavras-chave: Heidegger; ciência; ética; pós-representação

ABSTRACT

Science and post-representation: notes on Heidegger

This text is intended to situate the reasons of Heidegger's philosophical argument according to which the possibility of an ethics today depends upon the surpassing or not of representational thought. That implies a reflection on the metaphysical foundations not only of modern science, where the rule of representation gets consolidated, but also of its latest unfolding into what has got to be named technoscience.

Keywords: Heidegger; science; ethics; post-representation

Recebido para apreciação: fevereiro de 2006

Aprovado para publicação: abril de 2006